OBRAS DE

MANUEL LARANJEIRA

VOLUME I

EDIÇÕES ISA

OBRAS-PRIMAS DE AUTORES PORTUGUESES

OBRAS DE MANUEL LARANJEIRA

VOLUME I

....AMANHÃ.
ÀS FERAS
COMIGO E POEMAS DISPERSOS
DOR SURDA
DIÁRIO ÍNTIMO
CARTAS

Organização, Prefácio e Notas introdutórias
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

EDIÇÕES ASA

Direcção Gráfica da Colecção
JOÃO MACHADO

1.ª Edição Abril 1993
Depósito Legal n.º 55 960/92
ISBN 972-41-1163-6
© Edições ASA

EDIÇÕES ASA
SEDE
R. Mártires da Liberdade, 77
Apartado 1263/4004 PORTO CODEX
PORTUGAL

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110
1900 LISBOA
PORTUGAL

ÍNDICE

PREFÁCIO
Laranjeira – O ódio amante dos desiludidos 7

TÁBUA BIOBIBLIOGRÁFICA 29

...AMANHÃ, (PRÓLOGO DRAMÁTICO) 37

ÀS FERAS 103

COMIGO (VERSOS DUM SOLITÁRIO) 153

POEMAS DISPERSOS 203

DOR SURDA 215

DIÁRIO ÍNTIMO 239

CARTAS 319

LARANJEIRA
– O ÓDIO AMANTE DOS DESILUDIDOS

I. Transes de um "optimismo amargo"

"Crer...! Em Portugal, a única crença ainda digna é a crença – na morte libertadora", dizia Manuel Laranjeira em carta outonal de 1908 a Don Miguel de Unamuno.

Ora, ao inserir a tradução desse desabafo no famoso texto "Un pueblo suicida" tem que a definição do carácter e do destino portugueses se faz pela consumpção da "alma trágica" do Portugal mais profundo) e ao afirmar em 1913, um ano após o suicídio de Laranjeira, que fora este quem lhe ensinara a ver essa "alma trágica", sem querer consagrava Unamuno o molde em que muitos haviam de conformar a falsa efígie de Manuel Laranjeira como intelectual derrotista, roído pelos vermes da cultura intervalar, enredado nas jactâncias verbais e nas inoperâncias do Poder e das oposições políticas, sorvido e assimilado pela atmosfera de decadência nacional – enfim, em tudo o "Don Quijote de braços cruzados" e com "espírito muito envelhecido já" em que Manuel Laranjeira se auto-retratava e flagelava em carta a António Carneiro.

Prevalecendo-se do desígnio de transparência confessional cuja linhagem literária remonta à grande viragem egotista do Pré-Romantismo ("Uma alma que se esconde por pudor é uma alma cobarde, pusilânime, indigna", diz Laranjeira no malogrado Diário de 1906), explorando abusivamente a abertura com que correspondência e diário do escritor espinhense vingam transmitir-nos momentos de fragilidade e pendores mórbidos da personalidade ciclotímica, deturpando as motivações idiossincrásicas e ideológicas que nela tem o tédio, certa crítica passou a explorar as marés depressivas em que fundeia o "demónio interior" da psicastenia e a obliterar assim o contraponto de viril superação volitiva e de forte actividade mental. Em boa parte da sua obra, e até naqueles escritos, esse contraponto pôde singrar por entre os baixios da sensibilidade desequilibrada e da doença: só não conseguiu superar, ou não quis ocultar, os custos do verdadeiro "mal do século" ("Não poder talhar a vida ao nosso ideal"), que cartas de Amadeo de Souza-Cardoso, de 1905, tão bem definem, reconhecendo-o exponencial em quem vive "ansiedades do Dr. Fausto em miniatura".

O caso talvez mais representativo do equívoco, que correntemente tem presidido à incompreensão do legado galvanizante deste suicida, depara-se-nos com a

inversão do sentido de Pessimismo Nacional: tem-se posto o título a atraiçoar os textos (decerto não lidos...), daquele se deduzindo um derrotismo mais ou menos fatídico que estes precisamente querem desautorizar. Trata-se, com efeito, de uma série de quatro artigos para O Norte, diário republicano portuense, onde Manuel Laranjeira procede à lúcida análise de um fenómeno epocal, identifica as suas raízes socioculturais e, combatendo a sujeição apática a explicações de degenerescência orgânica à maneira de Max Nordau, propõe antídotos sinérgicos, regeneradores da vontade colectiva e correctores das disfunções e injustiças na sociedade portuguesa. Partindo do princípio de que "Pessimismo, de resto, não implica necessariamente degenerescência, esgotamento agónico", Laranjeira diagnostica com convicção: "Não. O que se está passando em Portugal, o desalento que está pesando horrivelmente sobre a vida portuguesa, não é o sinal infalível de que se aproxima a nossa hora extrema. Não, isto ainda não é o Crepúsculo de um Povo.", "Os elementos da sociedade portuguesa estão distanciados, secularmente distanciados. / Aí está o gérmen do nosso mal-estar.", "O mal da sociedade portuguesa é apenas este – a desagregação da personalidade colectiva, o sentimento de interesse nacional abafado na confusão caótica dos sentimentos de interesse individual.", "Não, não é necessário recorrer à hipótese inconsistente da degenerescência colectiva, nem a factores antropológicos, mais duvidosos ainda, para explicar o pessimismo nacional. Este nosso doloroso mal-estar ainda não é o paroxismo de uma raça decadente, ainda não é o crepúsculo de um Povo. O nosso pessimismo quer dizer apenas isto: que em Portugal existe um povo, em que há, devoradas por uma polilha parasitária e dirigente, uma maioria que sofre porque não a educam e uma minoria que sofre porque a maioria não é educada". E, além de reagir com animosa lucidez, Manuel Laranjeira empenha-se com voluntarismo e apelo: "É preciso refazer tudo, refundir a sociedade portuguesa de baixo a cima, incansavelmente, obstinadamente".

Mesmo no diálogo epistolográfico com Unamuno, Laranjeira não desautoriza as teses, nem desiste do compromisso que assume em Pessimismo Nacional. Nas cartas de 28 de Outubro e de 11 de Dezembro de 1908 não repudia as ideias meses antes defendidas no jornal O Norte, confessando-se apenas de esperança abalada quanto à efectivação do indispensável esforço regenerativo (através de reformas de ordem cultural e, sobretudo, social). Aí, chega a adaptar uma imagem decadentista do Diário Íntimo ("esses olhos andam de luto pela que morreu...") à caracterização da comunidade nacional ("tenho a impressão intolerável e louca de que em Portugal todos trazemos os olhos vestidos de luto por nós

TÁBUA BIOBIBLIOGRÁFICA

1877 – Nasce Manuel Fernandes Laranjeira no lugar de Vergada, freguesia de São Martinho de Moselos, concelho de Vila da Feira, a 17 de Agosto, no seio de modesta família (a mãe, Maria Francisca Laranjeira, era doméstica, e o pai, Domingos Fernandes da Silva, tinha a profissão de pedreiro).

1881 – Início dos estudos primários na antiga residência paroquial de São Martinho de Argoncilhe, tendo por professor um republicano confesso (João Carlos Pereira de Amorim).

1889-1890 – Morte do tio "brasileiro", o boticário António Alves Ferreira, e repartição da sua vultosa fortuna. De regresso a Portugal, o genro, Salvador Fernandes Camelo, virá a apoiar, graças à herança, o retomar dos estudos de seu irmão Manuel Laranjeira.

1891 – O adolescente Manuel Laranjeira, que se revelara inteligente aluno no ensino primário, aprende o ofício de carpinteiro.

1895 – Início dos estudos secundários.

1897 – Soneto "Tenho inveja ao Cristo...".

1898 – Primeira tentativa de criação dramática: *O Filósofo*, comédia inacabada. Conclusão dos estudos secundários.

1898-1899 – Matrícula na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e início da colaboração em revistas e jornais.

1899 – A família de Manuel Laranjeira passa a residir em Espinho.
A tabes (sífilis medular) começa a afectar os membros inferiores do jovem estudante.

1899-1900 – Começa a manifestar-se o culto de Manuel Laranjeira por Ibsen: "Henrik Ibsen e Max Nordau", na revista portuense *A Arte* e artigos sobre peças daquele dramaturgo em *O Norte*, diário republicano do Porto.
A sua frontalidade de espírito afirma-se no desassombrado artigo "Almeida Garrett" com que abre o número comemorativo do centenário no jornal *O Campeão*.

1901 – Entre outros escritos sobre arte e literatura, importante ensaio na *Revista Nova* (Lisboa) sobre "Augusto Santo": confessada tentativa de aplicação da perspectiva genética designada por "estudo psicoestético".

1901-1902 – Sonetos "No sono das coisas..." e "Talvez tu chores".

...AMANHÃ.

(PRÓLOGO DRAMÁTICO)

...Amanhã.., *peça que Manuel Laranjeira judiciosamente subintitulou "Prólogo dramático", foi escrita entre Dezembro de 1901 e Janeiro de 1902 (segundo a datação que o autor registou no final do texto).*

Publicado na íntegra de seguida – Porto, Empresa Literária e Tipográfica, 1902 –, esse prólogo dramático antecipava o movimento do Teatro Livre, que só no final do ano começa a ganhar imagem pública (com a conferência "Teatro Livre & Arte Social" por Ernesto da Silva, seguida de outras por Teófilo Braga e Heliodoro Salgado) e só em 1904 vê a sua própria companhia representar dois espectáculos no Teatro do Príncipe Real, sob a direcção dos actores Luciano de Castro e Araújo Pereira. É justamente no programa do primeiro espectáculo, num dia (8 de Março de 1904) que se julgou marcante na história do teatro em Portugal, que se inseriu um fragmento de ...Amanhã, *(as mais moderadas Cenas 2ª, 3ª e 4ª).*

Aliás, à sintonia da peça de Manuel Laranjeira com o espírito libertário hegemónico no engagement *dos cooperantes da Sociedades do Teatro Livre e da sua oposição radical às instituições demoliberais do* establishment *burguês e ao gradualismo republicano, corresponderão as mal veladas reservas da crítica.*

Em 1908, no entanto, uma comemoração republicana do 1º de Maio, no Teatro Águia de Ouro do Porto, incluirá nova representação das mesmas três Cenas levadas ao palco pelo Teatro Livre. Manuel Laranjeira não assiste a essa representação.

Em 1911, o Almanaque dos Palcos e Salas *publica em Lisboa nova edição das primeiras cenas de* ...Amanhã.

Só em 1959, ao ser contemplado por Luiz Francisco Rebello na antologia de Teatro Português – do Romantismo aos nossos dias, *o texto de* ...Amanhã. *voltará aos prelos para mais acessível contacto com leitores.*

Além das recensões na imprensa aquando da primeira representação (e em boa parte referenciadas na obra abaixo indicada de B. Martocq), pode-se ver sobre ...Amanhã.:

Luiz Francisco Rebello, Teatro Português – *do Romantismo aos nossos dias*, Lisboa, Círculo do Livro, s/d., pp. L-LII e 173-187.

Colin M. Pearson, "Manuel Laranjeira's Amanhã, social contentand the proletariat", in *The Journal of the American Portuguese Society*, (New York), XI, 1, Winter 1977, pp. 41-48.

José Carlos Seabra Pereira, *Autour de la Thématique Politique et de l'Engagement dans la Littérature Portugaise. De l'Ultimatum au Régicide*. Paris, Centre Culturel Portugais, 1982, pp. 36-39 (sep. das actas do Colóquio Utopie et Socialisme au Portugal).

Bernard Martocq, *Manuel Laranjeira et son temps* (1877-1912). Paris, Centre Culturel Portugais, 1985, sobretudo pp. 453-461.

Luiz Francisco Rebello, "Introdução ao teatro de Manuel Laranjeira", prefácio a *Às Feras*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1985, pp. 27 segs.

inserida plenamente no projecto do Teatro Livre, pois para a sua segunda temporada foi expressamente escrita, a peça Às Feras, *concluída por Manuel Laranjeira em Fevereiro de 1905, começou por ter melhor fortuna que* ...Amanhã, *ao ver-se objecto de representação integral pela militante companhia então dirigida por António Pinheiro. Porém, suscitando logo desencontradas reacções da crítica (ao arrepio por vezes do que se esperaria, dados os quadrantes políticos de onde eram oriundas),* Às Feras *nunca mais será levada à cena, e o seu texto literário vai permanecer inédito, apesar de por 1910 Manuel Laranjeira haver retomado o propósito de o publicar. Irónico destino para uma obra que, dando apurada sequência dramatúrgica a* ...Amanhã..., *se constitui na cimeira criação literária de Manuel Laranjeira!*

Em Maio de 1917, a revista Gente Lusa *(série II, n.º 4-5), de Praia da Granja, publica um excerto de* Às Feras; *mas sabemos hoje que esse fragmento da Cena final surge aí com fortes alterações do manuscrito original, em particular no que toca às rubricas.*

Mais uma vez, o património literário legado por Manuel Laranjeira virá-se, entretanto, salvaguardado pela esclarecida devoção do poeta Alberto de Serpa, que se tornou proprietário do manuscrito de Às Feras, *o preservou e possibilitou que, em 1985, com a lição do autógrafo por Luiz Francisco Rebello, saísse a 1.ª edição integral da peça (*Às Feras, *Lisboa, Instituto Português do Património Cultural).*

Quedam ainda inéditas não só a juvenil e incompleta tentativa O Filósofo, *mas também a farsa em um acto* Naquele engano d'alma *(concluída em Maio de 1911, levada à cena de imediato e novamente em Fevereiro de 1912) e a peça em quatro actos* Almas românticas, *inacabada. A próxima publicação destas obras é tanto mais necessária quanto é certo que, de algum modo em consonância com o* Diário Íntimo *e com o epistolário, traçaram novo rumo ao teatro de Manuel Laranjeira (conforme ficou analisado no prefácio à presente edição das suas* Obras).

Sobre *Às Feras* e suas correlações no interior da trajectória estético-literária de Manuel Laranjeira, veja-se:

Luiz Francisco Rebello, *O teatro naturalista e neo-romântico*, ed. cit., pp. 79-89.

José Carlos Seabra Pereira, *Autour de la Thématique Politique et de l'Engagement dans la Littérature Portugaise*, ed. cit., pp. 39-41.

Bernard Martocq, *Manuel Laranjeira et son temps*, ed. cit., sobretudo pp. 461-464.

Luiz Francisco Rebello, "Introdução ao teatro de Manuel Laranjeira", loc. cit., pp. 29-33.

ADENDA

Indicam-se a seguir as alterações mais importantes introduzidas no diálogo da cena final, aquando da respectiva publicação na revista *Gente Lusa*, em Maio de 1917, e assim anotadas por Luiz Francisco Rebello (*loc. cit.*):

(1) Substituída a expressão "amarga e verdadeira" por "de verdade".
(2) Acrescentado a seguir: "e a razão prática da vida manda condenar todos os desgraçados".
(3) Substituída a última frase por: "Pois não ouviste? Quando perdoar é uma imoralidade inútil, o remédio é condenar. A culpa não é dele: é da lei que manda mutilar".
(4) Eliminado: "Não me custava nada".
(5) Substituída esta réplica pela seguinte: "Nenhum de nós se interessava por ela. Não nos comove a desgraça dos vencidos. Nós também sabemos que a piedade é imoral. Não queríamos ver sacrificada a razão prática da vida. Não faça caso do que ela diz: deixe-a desabafar. É uma pieguice sentimental e inútil: nervos...".
(6) Substituída esta réplica pela seguinte: "Se o espectáculo a não divertiu, eu não tenho culpa. A vida é assim..."
(7) Eliminados os três períodos seguintes ("Não são deuses..." até "a imagem era outra...").
(8) "Defesa social" em vez de "segurança social".
(9) "Usam toga"em vez de "são homens".
(10) Acrescentado a seguir: "porque são... homens".
(11) Alterado para "vai ficar outra vez fechada na cadeia".
(12) Esta réplica começa pela frase "Vossemecê deve ser da mesma laia".
(13) Acrescentado a seguir: "Para ladrões – forca. É preciso destruir até a semente deles!".
(14) "Nos livros" em vez de "Na letra vermelha".
(15) "A alma da própria vida" em vez de "A própria alma da vida".
(16) Acrescentado a seguir: "é uma moral de feras!".
(17) Acrescentada a réplica seguinte, com que o acto termina: "O JUIZ *(encolhendo os ombros desdenhosamente)*: Um dia...".